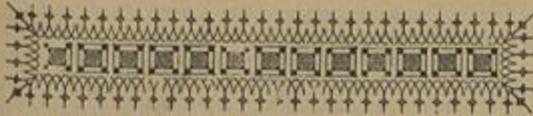


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 669	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$500	1\$900	6950	5120	30 DE JULHO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Quando no inverno as noites muito longas é preciso entretel-as, porque os poucos trabalhos no campo obrigam os homens a dormir as manhãs na cama, e em volta da lareira, onde arde o grosso tronco de azinho que, se já vão esgotados os assumptos de aldeia, enquanto o vento sopra lá fóra e entre aromas escuta-se a panella chocalheira, se inventam os contos novos e a tradição vai conservando os velhos.

O verão na cidade é n'isso como o inverno nos campos. Era ás vezes preciso inventar ou repetir.

Quem me dera ter aqui um d'esses contos bem longos, que me enchesse estas columnas, sem que eu lançasse mão do assumpto de não ter assumpto, já tão gasto, já tanto no fio, assumpto que foi de tanto folhetim, de tanto soneto tão sem espirito.

Acudisse me agora aqui o meu amigo Antonio Gonçalves, regedor de Santa Luzia, com alguns d'aquelles seus contos tão cheios de graça e bem rimados, cujos heroes viajam por paizes tão fantasticos que um d'elles até vai dar ás Indias do bacalhau.

O verão corre muito falho de incidentes e de assumptos interessantes, como se n'este tempo adormecessem paixões, desejos, ambições. O verão, meio do anno, é no anno o que é no dia o meio dia.

Cai tudo n'uma somnolencia, como por esses campos a essa hora do sol. Calam-se os passaros occultos nas sombras dos arvoredos, na nesga de sombra dos beiraes dos telhados agacham-se as galinhas, dormem os cães estirados e as arvores immoveis parecem dormir tambem sob o enorme peso de calor hypnotisadas por tanta luz. Nos pateos das herdades não se ouve uma respiração e até as carroças, de varaes para o ar, parecem ter adormecido n'um espreguicamento.

A epoca vae falha de assumptos, e n'esses mesmos de que se trata fala-se preguiçosamente, somnolentemente, como coisa que não ha de vir ou que vem longe, perguntas sem resposta, respostas que nada affirmam.

Ordem publica. — Então que ha? pergunta-se. Apenas responde um encolher d'hombros. Diz-se. Mas ninguem ouviu senão a mesma pergunta repetida por todos. — Então que ha?

Fala-se um pouco de politica, boceja-se ás portas dos cafés, onde, de quando em quando, chegam de longe umas revoadas de sons metallicos de banda que toca em S. Pedro d'Alcantara. — Então que ha?

Estão fechados quasi todos os theatros de Lisboa. Apenas se acham funcionando o theatro da Trindade, que obteve um certo exito com o *Principe Rubim* e o da Rua dos Condes, que brevemente deve pôr em scena o *Pif-Paf*.

Mas não é esta decerto a melhor epoca para as empresas theatraes, agora que Lisboa se acha rodeada por linhas ferreas e que os tranvias por preços baratissimos levam para fóra da cidade todas as tardes a maioria dos habitantes remediados.

O verão, ainda ha meia duzia de annos, compenso muitas empresas theatraes dos desastres do inverno; mas então não havia essa quantidade

de comboios que em menos de uma hora distribuem passageiros por todos esses logares até Cintra, Cascaes e Sacavem. Bastará dizer-se para provar o augmento da affluencia dos viajantes que a Companhia dos Caminhos de Ferro reembolsou-se no primeiro anno de toda a despeza que fez no prolongamento da linha desde Alcantara até ao Caes do Sodré.

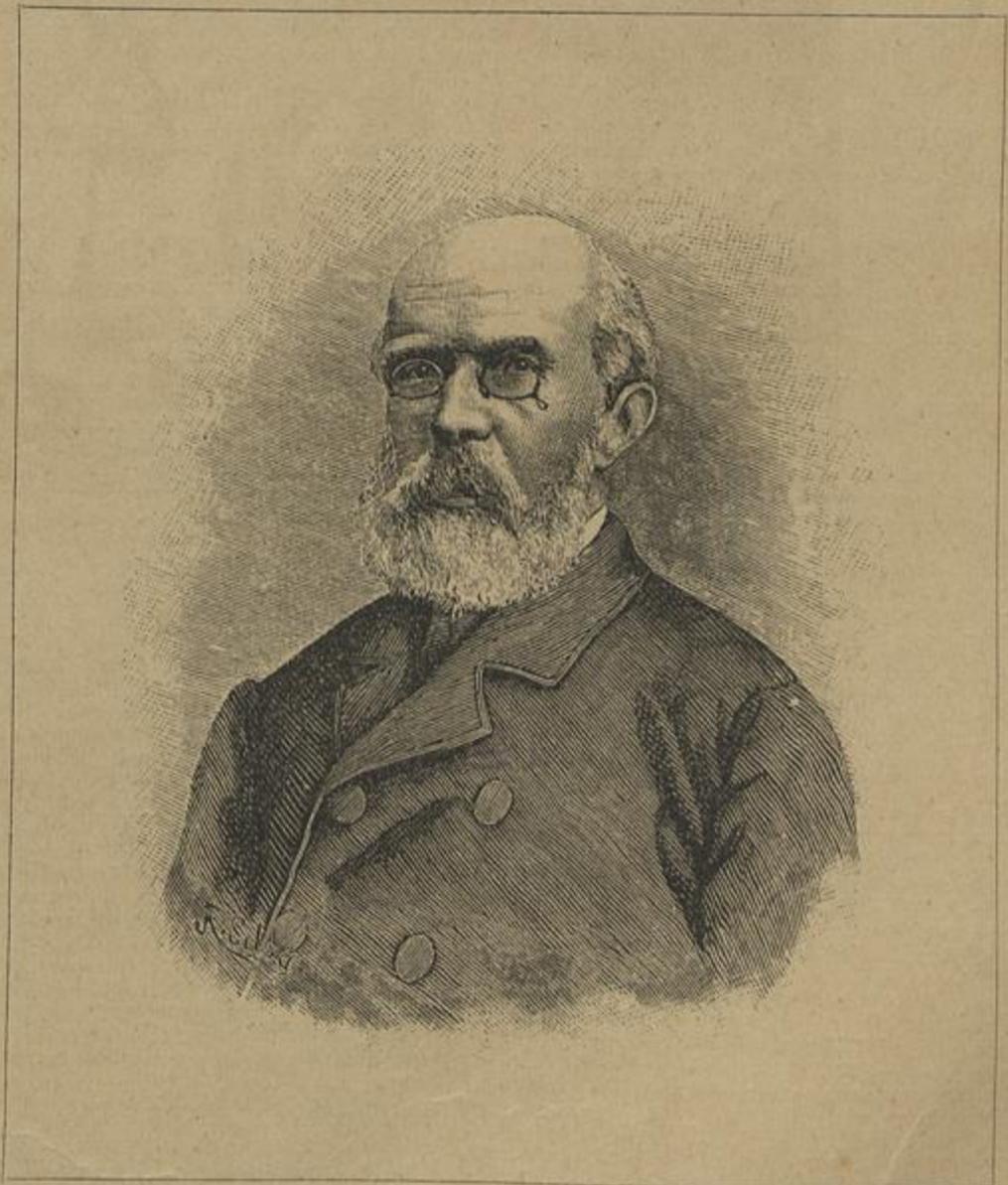
O unico divertimento, que atrahê a Lisboa alguma concorrência e traz á capital por algumas horas os que estão em villegiatura nas cercanias, são as toiradas, que ainda constituem o espectáculo predilecto de todas as classes da sociedade.

E assim é com razão, pois nada ha mais alegre, mais promotor de entusiasmo do que uma d'essas corridas, infelizmente hoje tão raras, em que um grupo de artistas realmente merecedores d'esse

nome, como o são muitos dos hespanhoes que ultimamente teem vindo á Praça do Campo Pequeno, encontra na arena um curro de primeira ordem, prestando-se a que demonstre todos os recursos que possuem e que a boa escola e longa pratica lhes ensinou.

Não falaremos dos cavalleiros, porque os temos eguaes aos melhores dos tempos passados; mas em alguns bandarilheiros portuguezes nota se com alegria o aproveitamento que teem tido com as lições de tão extraordinarios mestres. Quizessem os nossos lavradores cuidar um pouco mais no apuramento das raças taurinas e poderiamos ver mais uma vez uma d'essas magnificas toiradas á antiga portugueza como as dos saudosos tempos da velha Praça do Campo de Sant'Anna.

E, só porque falámos em espectaculos, uma pe-



FRANCISCO ANGELO D'ALMEIDA PEREIRA E SOUSA

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

quenina menção da feira de Belem que vai acabar uma d'estas noites e da feira de Alcantara que vai começar um dia d'estes.

De resto sempre a mesma coisa, que o progresso parece querer pouco com ellas: o mesmo cheiro a azeite nas barracas de comidas, as mesmas malagueñas nos cafés das camareiras, os mesmos discursos e as mesmas fanfarras ás portas dos theatros e até nas barracas de quinquilherias os mesmos carros sarapintados e os mesmos cavallinhos de papelão, que, puxados por uma linha, foram o encanto dos nossos bisavós pequeninos.

E por toda a parte, nos comboios, nos theatros, nas praias, em Bemfica, nos Olivais, nos toiros, nas feiras, a mesma pergunta — O que ha? — e a mesma resposta — o encolher dos hombros.

Anda uma coisa no ar, disse um dia o bispo de Vizeu, e o dito ficou celebre.

Mas esses boatos, contra todas as leis da phisica, não se avolumam, não se dilatam com estes medonhos calores, que parecem só ter chocado em todos os cerebros e corações um preguiçoso indifferenti-mo.

Pois anda uma coisa no ar, anda. D'esta vez, se o podesse repetir, teria razão o bispo de Vizeu.

Núvens não faltam; cirrus em Portugal, cumulus na Europa.

Pouco teem ultimamente commovido a opinião os negocios do Oriente. A Grecia perdeu muitas das sympathias que a principio inspirava o seu enthusiasmo. O sultão por fim cedeu aos desejos manifestados pelas seis grandes potencias.

A paz assigna-se; mas naca assegura aos christãos, que vivem no Oriente barbaro, que não hajam de soffrer novas violencias, as horribes torturas do grande poder dos islamistas. A causa que foi razão da primeira campanha vive e ha de viver, que a lucta tem que durar seculos. Muitos gastou o Occidente para pôr fóra de suas fronteiras os sectarios de Mafoma, que ali estão mais em sua casa. No ultimo reducto, que ainda conservam na Europa e pensam alargar, ha de ser mais cruenta a guerra. Não é uma paz que se assigna, é um simples armistício por annos, por mezes, talvez apenas por uns dias.

D'outra lucta, essa mais seria com certeza, se falla como possível. O Japão levanta a cabeça contra certas intimações dos Estados Unidos.

Foi publicado ha tempos por varios jornaes um desenho do imperador da Allemanha em que eram representadas as principaes nações da Europa, faceis de reconhecer pelos trages das figuras allegoricas, ás quaes se apontava o extremo Oriente, exigindo-se lhes união e força contra o maior perigo commum.

É lá effectivamente que elle existe. É n'essa China immensa e populosa, é n'esse Japão, ainda não ha quatro seculos completamente ignorado e que hoje se prepara para muito brevemente ser uma das nações que hão de dictar as leis ao mundo.

Bastará que a China lhe siga o exemplo e a Europa terá que tremer pela segunda vez deante d'uma invasão d'aquelles lados. Por enquanto pode o temor começar-lhe pelo futuro da sua industria, do seu commercio; mais tarde ha de tremer pela sua liberdade e tradições.

Foram os portuguezes os primeiros que aportaram áquellas praias longinquoas; e tão extranhos eram para nós aquelles habitos, aquella civilisação, aquella religião, aquelles actos, que o primeiro que ousou descrevel-os, o que soube fazer em paginas encantadoras, Fernão Mendes Pinto, viu o nome trocado por uma alcunha tão injusta quanto sem graça: Fernão Mentos? Minto.

Não lhe deram mais credito do que ao Barão de Munchausen.

Quem diria ao grande e infeliz escriptor portuguez que uma epoca chegaria em que esses grandes imperios, que elle tão bem soube descrever, haviam de pesar tanto na balança do equilibrio do mundo?

Um d'elles, o Japão, transformou-se completamente, o outro, mais arreigado ás tradições, faznos parecer d'antes d'hontem o livro de Fernão Mendes. Quando elle seguir as pisadas do seu visinho d'além do estreito, meditemos no desenho allegorico do grande imperador.

João da Camara.

PEREIRA E SOUSA

Meu prezado Caetano Alberto. — Pede-me v., insta e exige, que lhe escreva algumas linhas, que devam acompanhar o retrato do sr. Pereira e Sousa, dignissimo contador da Imprensa Nacional de Lisboa. A pessoa não pôde ser mais distincta e mais conspicua para figurar na vasta e honrosa galeria com que v. tem abrilhantado e opulentado

as paginas do OCCIDENTE; o Plutarcho escolhido é que é bastante humilde. Liga-me comtudo a v. amizade inquebrantavel de tão longos annos; e confesso que tenho em tamanha veneração a pessoa, de quem se trata, que não sei que desculpa lhe hei de apresentar para lhe desobedecer, nem que fórma de supplica negativa lhe hei de endereçar para ter o devido deterimento.

Faça-se lhe a vontade, meu caro amigo e antigo companheiro de lidas litterarias e artisticas; e receba-me esta nota, com as suas lacunas e deficiencias, porque estava longe de ter que a escrever em limitado espaço pelas urgencias da impressão da sua excellente revista.

O sr. Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa é natural de Lisboa e nasceu a 2 de fevereiro de 1827.

Muito novo, e depois dos estudos preparatorios para o ensino superior, entrou como amanuense da contadoria da Imprensa Nacional de Lisboa, onde tem seguido, sem favor, mas sómente por seus merecimentos e serviços, a carreira, por modo que é ao presente não só o primeiro no quadro, mas o mais graduado, por isso que exerce as funcções de contador, o immediato ao administrador geral, cujo cargo desempenha nas ausencias e nos impedimentos d'este alto funcionario. Tem, portanto, mais de 50 annos de exercicio na Imprensa Nacional e creio que não ha ali hoje empregado mais antigo. Com maior numero de serviços, não, com certeza.

O sr. Pereira e Sousa dedicou-se em verdes annos ao cultivo das letras, e assim posso indicar que em 1844 saia da sua penna uma versão do *Aventureiro ou a Barba Azul*, romance de Eugenio Sue; e em 1846 vemol-o figurar á frente de uma publicação litteraria, *A Aurora*, de vida ephemera, mas denunciadora de uma vocação decidida e de fino talento. E tanto assim, que em 1848 entrava com o estimado gravador Baptista Coelho na fundação da *Revista Popular*, que durou alguns annos, de 1849 a 1852, e podia brilhar pela variedade de sua leitura e pelo intuito de propaganda instructiva a par do *Panorama*, dirigido por Alexandre Herculano.

A *Revista Popular*, na qual collaboraram o poeta Gonçalves Lima, o erudito professor e academico Latino Coelho, o professor e economista Fradesso da Silveira, veio a pertencer a este ultimo e depois a Sebastião José Ribeiro de Sá.

Saindo da *Revista* o sr. Pereira e Sousa foi convidado pelo conhecido editor Lopes, o fundador da livraria da rua Aurea a que succedeu o intelligente e estimado livreiro editor Manuel José Ferreira, — foi convidado, repito, para dirigir a continuação do *Panorama*, que estava em nova série depois de uma interrupção de algum tempo.

Passados annos, foi o nosso biographado substituir a José de Torres na direcção do *Archivo pittoresco*, que patrioticamente fundaram Vicente Jorge de Castro e Thomaz de Aquino Gomes. Entre os directores d'essa publicação figuraram, como se sabe, Antonio Feliciano de Castilho, Antonio da Silva Tullio, Ignacio de Vilhena Barbosa, e, como auxiliar na direcção d'este ultimo, a pessoa que escreve estas linhas.

Depois ainda, para não fugir aos labores periodisticos em que se lhe iam horas e horas, que podia entregar á serenidade do animo e á paz domestica, entrou com enthusiasmo e collaboração assidua na *Federação*, folha industrial dedicada ás classes operarias, que durou sempre correcta e brilhantemente redigida, dez annos, de 1856 a 1866. Nesta folha teve por auxiliares e companheiros alguns dos empregados mais intelligentes e considerados da imprensa nacional, taes como José Mauricio Velloso e José Antonio Dias, já fallecidos; e José Augusto da Silva e Antonio Joaquim de Oliveira, ainda vivos, felizmente.

Não se esqueça que no *Almanach popular*, apreciavel livrinho publicado para os annos de 1849 a 1852, com Philippe Folque e Fradesso da Silveira, o nosso querido biographado teve uma parte notavel na redacção.

Vê-se, pois, que o sr. Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa viveu sempre na mais considerada convivencia com os homens mais eminentes nas letras e nas sciencias, e que a amizade que lhe dedicavam não era senão o justissimo preito devido á pureza do seu character, á sua probidade inconcussa, aos seus estudos e merecimentos.

Mas, julga V. que elle se desvanecia, se lançava lóas, se collocava em evidencia para attrahir a attenção e não escapar das auras populares, ás vezes posticas e ephemeras, — e conquistar sympathias; se, enfim, se empenhava para que o louvassem com reclamos da propria lavra, — o que V. muito bem sabe que não tem sido raro, nem o será —; julga isso? Engana-se.

O numero de artigos publicados nas diversas revistas ou semanarios, a cuja collaboração tem pertencido, é incalculavel. Seria difficilissimo fazer o simples catalogo. Se pudesse fazer-se, ver-se-hia o saber, a erudição, o valor litterario, do sr. Pereira e Sousa. Porque a maior parte dos seus escriptos, historicos e estatisticos, tem saído á publicidade occultos no denso nevoeiro do anonymo ou na estonteadora indicação de uma inicial. Uma adivinhação. E tanto mais labyrinthado, quanto era certo que, ás vezes, se negava a dizer se o escripto era seu d'elle ou não. Nunca vi modestia assim. Porém estava em harmonia com o seu animo concentrado, melancolico, recolhido como o de um anachoreta, pensativo como o de um sabio, mas sem a ausencia de nenhuma das grandes qualidades e virtudes que tornam o homem bom e generoso, e o cidadão prestante á nação.

Quer V. vêr o sr. Pereira e Sousa mudar de aspecto, como quem transforma a indole n'um crisol do bem, tornar-se um tanto saliente, levantar os olhos e brilhar-lhe um sorriso nos labios? Falle-lhe em acudir a uma desgraça, ou favorecer um acto de justiça, em tornar mais prospera a associação typographica, de que tem sido um dedicado presidente e um desvelado protector; e em trazer mais algum melhoramento ao trabalho muito valioso da Imprensa Nacional; falle-lhe em algum d'estes assumptos, que o commovem, que lhe fazem bater com vehemencia o coração povoado de bondade, que elle sabe occultar, e o sr. Pereira e Sousa parecer-lhe-ha outro. Nada ha bom e generoso que não tenha o seu applauso, e que é de muito valor.

Entre as obras, que posso mencionar porque sei que saíram de suas mãos e foram o fructo de horas de vigílias, citarei *As duas Dianhas*, 9 tomos, traduzidos de Alexandre Dumas; *O judeu errante*, 5 tomos, traduzido de Eugenio Sue; *A peccadora*, traduzido de Paulo Féval; e *O que quer o povo, situação presente*, folheto politico impresso em 1846. Junte-se a estes trabalhos dois romances originaes *Leonor* e *Criminosa ou infeliz*, e um proverbio tambem original *Não ha mal que se não cure*, escriptos para a *Revista popular* e ahi insertos.

Todos os *Esclarecimentos, Noticias, memórias e informações*, ácerca da Imprensa Nacional de Lisboa, impressos com nitidez e luxo, dando conta em diversas épocas e por occasião de exposições internacionaes dos progressos d'aquelle importantissimo estabelecimento, cujos productos appareceram muito bem no estrangeiro e alcançaram com justiça, medalhas e louvores, são da lavra do sr. Pereira e Sousa e tiveram ampla publicidade em francez e em inglez, e demonstraram mais uma vez, e sem favor, os elevados dotes do illustrado e exemplar funcionario que os redigiu; e que na collecção e disposição dos productos teve conseiras e ralações superiores a qualquer elogio. Foram bem notorios esses serviços.

São tambem d'elle muitos e valiosos documentos, relatorios, exposições, discursos inaugurales, da caixa de soccorros da Imprensa Nacional e da Associação Typographica Lisbonense, que o considera como o seu primeiro socio benemerito e protector, testemunhado e multiplicado em serviços de muitos annos de presidencia!

Desde 1870 que é correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e os seus escriptos tem sido sempre mui bem considerados pelos redactores e pela empreza d'aquella opulenta folha, entre os quaes se conta o sr. Picot, eleito ultimamente para a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

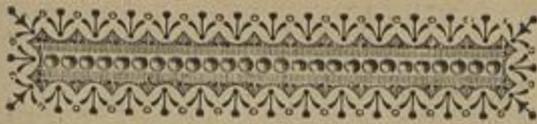
Ornam-lhe o peito duas condecorações: o grau de cavalleiro da ordem italiana de S. Mauricio e S. Lazaro, concedida em 26 de outubro de 1864; e o grau de official da ordem portugueza de S. Tiago, do merito scientifico, litterario e artistico, por decreto de 4 de abril de 1891. Nem uma, nem outra condecoração, solicitou.

No dia 2 de fevereiro d'este anno, um grupo de empregados da imprensa nacional, seus amigos e admiradores, deram-lhe nova prova de amizade e consideração offerecendo-lhe as insignias de officialato e uma linda pasta com a felicitação pelo anniversario natalicio.

Meu prezado Caetano Alberto, não sei se lhe escrevi para o seu OCCIDENTE, um esboço, ou um perfil moral. Não passei todavia de uma breve e humilde nota, que aproveitará como entender. Juro-lhe que disse a verdade, e sinto que não a pudesse pôr nas paginas da sua excellente e afamada revista em linguagem mais pulida e attraente, e menos pallida.

Sempre seu admirador e amigo affectuoso

Brito Aranha.



AS NOSSAS GRAVURAS

O SALÃO «PORTUGAL» NA SOCIEDADE
DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Foi n'este salão, o maior de Lisboa, onde a Sociedade de Geographia tem installado o seu precioso museu, e onde celebra as suas sessões solennes, que no dia 8 do corrente teve lugar a sessão com que El-rei inaugurou a nova sala d'esta Sociedade, no grandioso edificio da rua de Santo Antão.

A nossa gravura mostra a grande sala no acto da sessão real, e é copia de uma primorosa photographia do nosso bom amigo e talentoso artista sr. João F. Camacho, que n'este trabalho, como em todos que sahem do seu atelier da rua Nova do Almada, affirma a proficiencia e fino gosto com que ha mais de 30 annos exerce a photographia em Portugal.

A grande sala, que a Sociedade de Geographia acertadamente denominou *Salão Portugal*, impõe-se ao visitante, tanto pela sua grandeza e bella decoração, como pelos preciosos documentos que encerra da expansão colonial portugueza, desde as variadas colleções de productos colonias que, em bem ordenada classificação, se guardam nos armarios envidraçados que guarnecem o salão e galerias, até a sobre-cimalha do tecto, onde se vêem, em volta de toda a sala e em letras d'ouro, os nomes dos principaes navegadores portuguezes.

A luz entra a jorros pelas janellas e columnatas que formam a frente para a rua de Santo Antão, e por tres grandes claraboias abertas no tecto, que illuminam a sala tanto á farta, como se ella tivesse janellas por todos os quatro lados. Além d'isto, as pinturas interiores, de tons claros e finos, mais fazem realçar e reflectir a luz que recebe do exterior. Para illuminar a sala de noite, tem candelabros para luz de gaz em volta das galerias; e já que fallamos n'esta illuminação, convém notar que, tendo a direcção querido contractar com a Companhia do Gaz e Electricidade o fornecimento de luz electrica, a dita companhia a não poude fornecer!

Dois galerias correm em volta de todo o salão, para as quaes se sobe por duas duplas e elegantes escadas aos topos do salão, ladeadas de varandas de ferro, forjado de bom desenho. Grades eguaes guarnecem as duas galerias, apoiadas sobre elegantes columnellos de ferro. A cada columnello corresponde na primeira e segunda galeria brazões, fundidos em ferro e pintados com as cores proprias, pela seguinte ordem: Na primeira galeria os brazões de Vasco da Gama, Nicolau Coelho, Affonso d'Albuquerque, Almeidas, governadores da India, João Gonçalo Zarco, da familia dos Camaras, Duarte Pacheco, Perestrello, Côrte Real, Fernão Gomes, Diogo Cão, Pedro Alvares Cabral, Gonçalo Velho. Nos topos vê-se, n'um, o escudo do fundador da monarchia, D. Affonso Henriques, n'outro, o escudo das armas reaes de agora. Na segunda galeria, os brazões das cidades de Lisboa, Porto, Ponta Delgada (Açores), Goa (India), Praia (Cabo Verde), Benguella, Coimbra, Mocimboque, Loanda, Évora, Funchal (Madeira), Macau.

Deu o desenho para estes escudos o architecto sr. José Luiz Monteiro, sendo pintados na escola industrial de Affonso Domingues, de Xabregas, sob a direcção do sr. João Vaz, conforme aguarellas do sr. J. R. Christino, feitas á vista dos livros de armaria que se guardam na Torre do Tombo.

Os nomes que se lêem junto ao tecto, em volta de toda a grande sala, em caracteres mixtos do seculo xv a xvii, relevados e dourados, são trinta e quatro dos principaes navegadores portuguezes, ou que pelo menos representam a nossa grande expansão colonial desde a descoberta da Madeira até a da Polynesia, por Queiroz: Gonçalo Zarco, descobridor da Madeira com Tristão Vaz Teixeira, em 1419-1420; Gil Eannes, Gonçalo Velho, Diniz Fernandes, Nuno Tristão, Vicente de Lagos, Pedro de Cintra, João de Santarem, Bartholomeu Diás, Vasco da Gama, Côrte Reaes, Alvares Cabral, João d'Aveiro, Diogo Cão, João Lavra-

dor, João da Nova, Lourenço d'Almeida, Tristão da Cunha, Alvaro Telles, Fernão Soares, Lopes de Sequeira, Francisco Serrão, Antonio d'Abreu, João de Soliz, Duarte Coelho, Peres d'Andrade, Alvaro Fagundes, Fernão de Magalhães, Gomes de Sequeira, Jorge de Menezes, Martin de Sousa, Francisco de Castro, Antonio da Motta, Pedro de Queiroz.

No topo da sala e á direita da meza da presidencia, vê-se, collocado obliquamente do tecto sobre a primeira cimalha, um grande planispherio a toda a largura, onde se desenha a expansão colonial portugueza, até onde chegou este pequeno paiz do Occidente, tendo por baixo este verso de Camões:

«Por mares nunca d'antes navegados.»

A um lado d'este planispherio está desenhada a prôa de um galeão, com as velas de ávante enfonadas e onde se vê a cruz da ordem de Christo na vella grande. Do lado opposto está desenhado um padrão, dos que os navegadores portuguezes collocavam nas terras que descobriam, e por cima do padrão lêem-se as datas de: 1498-1898, correspondentes respectivamente á chegada de Vasco da Gama a Calecut e ao quarto centenário da descoberta. Ao centro do grande mappa destacam-se, a cores mais ou menos intensas, o desenho dos dominios portuguezes d'além-mar, destacando-se ainda uma linha mais vizível do que as outras, indicativa da primeira viagem de Vasco da Gama á India, ou descoberta do caminho marítimo para lá chegar.

Dirigiu a feitura d'este planispherio o sr. Ernesto de Vasconcellos, pelo que lhe cabe muito louvor.

A meio da sala e do lado das janellas está a meza da presidencia sobre um duplo estrado, n'um recinto fechado por uma elegante grade de ferro que resguarda um espaço conveniente em volta da presidencia.

Por detraz d'este recinto e entre a columnata central, ergue-se uma estatua do infante D. Henrique, reproducção da que está na porta lateral da igreja dos Jeronymos. Ainda n'este mesmo ponto da sala, mas na altura da segunda galeria, está suspensa entre duas asnas do tecto, uma vigia primorosamente entalhada, que foi do palacio dos nossos vice-reis em Goa, e que o sr. Ferreira do Amaral trouxe na sua ultima viagem á India, conjuntamente com o tumulo de Affonso d'Albuquerque, que já foi reproduzido nas paginas do *OCCIDENTE*¹. É uma preciosa reliquia que o valoroso official salvou de perda certa e que veio enriquecer o museu da Sociedade de Geographia, onde aliás se guardam já tantas reliquias do passado.

Aos lados da presidencia estão dois armarios forrados a veludo carmezim, onde se vêem pontas de marfim de grande comprimento, sendo algumas lavradas. Entre ellas destaca-se uma de grande comprimento e quasi direita, que é um exemplar raro, e por isso mesmo de inestimavel valor.

Nos armarios envidraçados que guarnecem as paredes do salão, tanto no pavimento geral como nas galerias, estão expostos pela melhor ordem os productos naturaes das colonias portuguezas e os das industrias indigenas. Ahi se podem avaliar os legumes e outros fructos conservados, o café, o algodão, o tabaco, a borracha e as especiarias; as madeiras, de uma variedade e riqueza extraordinarias, representadas em cerca de 1:500 amostras, os minérios e as drogas, uma infinidade de productos, que pena é não tenham sido melhor explorados e aproveitados pelo nos so commercio e industrias.

Está ali a prova mais frisante de que uma nação que possui tão ricos paizes, se não pôde considerar pobre, e antes devia fazer á inveja das outras, se, em vez de uma grande parte d'este povo se enervar e passar a vida a mendigar um logarinho á meza do orçamento, alargasse as vistas para aquelle mundo, que tambem é terra portugueza, e lá fosse empregar a sua actividade, a valorisar e multiplicar as riquezas d'aquelle umberimo solo.

Estes productos encontram-se nos armarios da sala e da primeira galeria. Na segunda pôde vê-se colleções curiosissimas, como a offerecida pelo sr. visconde de Valmor, de loijas de barro da Hungria e outros povos da Austria; colleções de productos das colonias francezas e de Hólub, etc.

Se a isto accrescentarmos a grande quantidade de instrumentos, ferramentas, e outros utensilios

africanos, indianos, das differentes possessões portuguezas; de grande variedade de armas gentiliças, escudos, feitiços, manipansos e imagens das divindades indianas até, que tudo dá idéa dos costumes e vida d'aquelles povos, temos a colleção mais curiosa e interessante que se pôde vêr e que completa perfeitamente o museu da Sociedade de Geographia.

Muitas outras salas, e em grande quantidade, se contam no novo edificio da Sociedade de Geographia, que bem se pôde considerar o melhor edificio de Lisboa moderna, e é fóra de duvida que no estrangeiro nenhuma Sociedade d'esta natureza está installada em edificio mais vasto e mais sumptuoso.

SONHANDO. — QUADRO DE TAMBURINI

Sonhando é o titulo que o auctor deu ao seu quadro, uma formosa cabeça de mulher, que se deixa adormecer, contemplando a flôr que ora lhe cae d'entre os dedos que a sustinham.

Saber o que aquella gentil cabecita está sonhando, seria advinhar o que se passa no coração da mulher, que a vista mais perspicaz não pôde profundar.

Só podemos admirar na belleza da pintura a belleza da mulher que Tamburini reproduziu no seu bello quadro.

O GUERRILHEIRO

Esse homem que a gravura representa de espada ao lado, uma pistola na cinta, outra na mão apontada talvez contra o inimigo ou em necessario exercicio ao alvo, é o verdadeiro typo d'um d'esses guerrilheiros que tão celebres na Peninsula se tornaram, na historia das nossas guerras politicas e, no principio d'este seculo, contra as tropas.

Não havia maneira de obrigar-os a dar batalha em campina rasa. Combatendo sempre em forças inferiores, consistia a tactica dos guerrilheiros em aproveitar favoravelmente as circumstancias do terreno e o menor descuido que fraccionasse as forças do exercito inimigo. Appareciam quando ninguem os esperava; por momentos sahiam da emboscada, faziam seu tiroteio e logo desapareciam, como por arte magica, conhecidos elles só dos caminhos atravez das montanhas e das clareiras das mattas, onde espias de confiança lhes iam todos os dias contar os projectos dos adversarios, a estrada que haviam de seguir.

É tradicional a arte dos peninsulares para essas guerras de surpresa, em que as primeiras virtudes do soldado são a audacia e a descripção. Não ha preso que revele o segredo do chefe.

Essa sciencia militar tão nossa e que os americanos aprenderam com os hespanhoes, deulhes agora a estes os mais terriveis inimigos em Cuba, os mais difficeis de vencer.

O guerrilheiro conta sempre com a amizade, dedicação politica ou patriotismo dos seus patrios. Tem sempre nas aldeias quem o soccorra com dinheiro, munições e viveres para as tropas, abnegações que nunca hão de ser pagas.

Pôde o general inimigo vasculhar a aldeia toda, não ha de encontrar velho, mulher ou criança, que, sob o terror da ameaça, revele o segredo do capitão da guerrilha. Que é feito d'elle? Quem d'elle ouviu falar? Ninguem sabe do capitão, provavelmente muito longe, escondido nos altos rochedos de granito ou morrendo de fome nas matas de sobreiros.

Mas que o general das tropas regulares não vá por isso marchar cheio de confiança. O guerrilheiro espere-o, avisado sempre. De noite, em meio das gargantas da serra, mau grado a vigilancia da cavallaria, começa o tiroteio, os soldados caem como tordos a tiros disparados por mãos invisiveis. Uma descarga cerrada e todos se sumiram. Quando puderem voltar á aldeia, os guerrilheiros acharão viveres abundantes onde o pobre general não encontrou meio pão sequer para matar a propria fome.

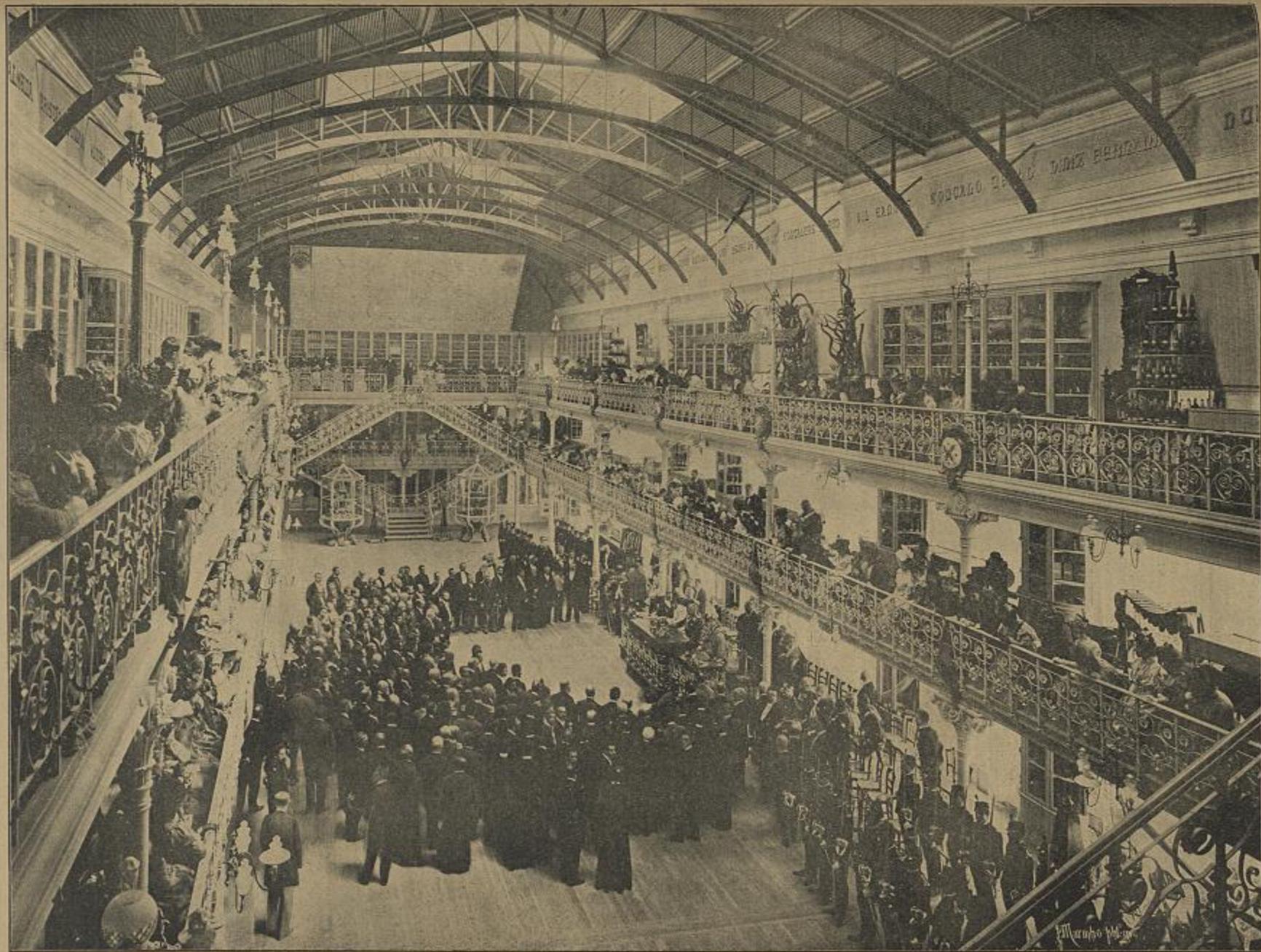
Guerrilheiros houve afamados, e todos por certo se lembram ainda do lendario Cura de Santa Cruz, o terrivel carlista que inspirou a Alphonse Daudet um dos seus melhores contos tão artisticamente imitado em felicissimos versos pelo fallecido poeta portuguez Gonçalves Crespo.

Muitas guerrilhas em Portugal se tornaram justamente celebres, e mais que todas a do valente Remexido, que tanto, ainda depois da convenção de Evoramonte, deu que fazer na serra do Algarve ás tropas do exercito liberal.

Ainda hoje é decantado o seu nome nas pro-

¹ Vide *Chronica Occidental* do n.º 667 do *OCCIDENTE*.

² Vide *OCCIDENTE*, vol. XIX, pag. 198.



SALÃO «PORTUGAL» NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA — A SESSÃO SOLEMNE DO DIA 8 DE JULHO DE 1897

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

vincias do sul, e o Remexido apresentado á veneração dos estranhos como verdadeiro heroe.

Velhas lithographias retratando o Remexido com as suas grandes barbas e famosa espingarda, emmolduradas, cobertas por uma cambraia que as livre da poeira das estradas, ainda hoje se vêem por todas as hospedarias, invariavelmente fazendo symetria ao retrato de João de Deus, cujo olhar doce parece estar sonhando amores ou afagando os canudos loiros d'uma cabecinha de creança.

São duas glorias algarvias e pertencem-lhes esses logares d'honra.

São innumerables as lendas do Remexido; não ha um ponto d'aquella serra, que elle conhecia tão bem, onde d'elle se não conte uma heroicidade praticada, um d'estes actos de bravura ou gene-

a velocidade do movimento dos cylindros. Os dentes, ou puas, das *escarduças*, pequenos, e em grande numero, servem para abrir a lã e completar o trabalho começado nas *argueiradeiras*. Alguns corpos estranhos que ella pode ainda conter, separam-se na *escarduça*, d'onde sae a lã aberta e limpa, para não voltar ou para ser ainda uma vez *escarduçada*, depois de azeitada.

Depois de se haver *escarduçado* a lã, é preciso azeitá-la. Em quasi todas as fabricas da Covilhã se fazia, segundo affirma Fradesso da Silveira, esta operação no sobrado, perdendo-se muito azeite.

Em uma das melhores que elle teve occasião de visitar, depois de observar detidamente uma *escarduça* de ponta de diamante, «muito digna de

em sentido opposto aos do tambor ou cylindro maior.

Em algumas fabricas da Covilhã, os sortidos de cardas são inglezes, isto é, compostos de duas cardas. Da primeira saem mantas, e da segunda, mechas.

Em outras funcionam os sortidos de tres cardas, que differem umas das outras pela finura do puado. Nas fabricas tambem se encontram funcionando as cardas hespanholas ao lado dos sortidos inglezes, francezes ou belgas, ou uns e outros simultaneamente.

A lã cardada é desengrossada antes de entrar nas bancas de fição. O desengrosso não é mais do que uma primeira fição executada pela ultima carda. Havia-o tambem continuo.



SONHANDO — QUADRO DE TAMBURINI

rosidade, que fazem abrir ambiciosamente para a gloria os olhos dos pequeninos, attentos em volta da lareira ás historias do bisavô.

Hoje para todos os cantos da provincia ha estradas reaes, caminhos de ferro, telegraphos; as machinas modernas de guerra ceifam as vidas ás dezenas em cada tiro. O guerrilheiro já pouco terá que fazer em novas luctas que estejam para vir.

Pois é pena. Os contos á lareira nas longas noites d'inverno vão perdendo pouco a pouco os seus melhores assumptos.

A Covilhã e a Industria dos Lanifícios

IV

Concluido do n.º 667)

Das *argueiradeiras* passa a lã para as *escarduças*, em que é maior o numero de dentes, e maior

ser mencionada» viu que a operação de azeitar a lã com azeite, oleo de linhaça, potassa e agua, se fazia n'uma caixa com grande aceio e notavel economia.

Admirou-se bastante Fradesso da Silveira de que se não uzasse aquelle melhoramento n'outras fabricas, rivaes d'esta, se não superiores pela importancia da producção, ou pela perfeição dos machinismos.

Hoje, pelas materias primas empregadas, verifica-se que o azeitar se faz tambem com oleina, o que tem notaveis vantagens, e é desde muito uzado pelas fabricas estrangeiras.

Depois de azeitada, a lã passa para as *cardas*, onde se opera a separação dos filamentos.

A lã cardada fica mais igual, e os fios na disposição mais conveniente para se entrelaçarem, como convém para os tecidos.

As cardas são compostas de um cylindro grande, em volta do qual giram outros cylindros de menor diametro, com puas ou dentes, dispostos

Das bancas do desengrosso sae a lã para as da fição, afim de se converter em barbigem ou trama: o primeiro para urdir, a segunda para tecer.

Encarola-se a urdidura ou barbigem para urdir, e encanella-se a trama para entrar nas lançadeiras do tear.

Esta operação foi depois um pouco simplificada, vindo logo a maçaroca da banca de fição para a urdideira, e sobre os fusos collocavam-se canelas de lata, que d'alli iam para a lançadeira.

Feito isto tudo, urde-se, e gruda-se o fio, antes de tecer.

Fradesso da Silveira conta que as urdideiras nas fabricas da Covilhã eram de dois antigos sistemas, e que na sua visita ali, em 1860, não vira nenhuma urdideira redonda, como as que funcionavam em outras fabricas do paiz. Para grudar, empregava-se a colla animal, mais conveniente para os fios, porque favorece a tecedura.

A estas operações preliminares, segue-se atar e tecer em teares manuaes. As fabricas mais consi-

deradas da Covilhã já então, em 1860, dispunham de teares á Jacquard, para casimiras dobradas, e outras fazendas. Em uma d'essas, havia uma boa maquina de oito lissos, que auxiliava os teares á Jacquard.

Sahindo do tear, desazeitava-se a cherga com urina, estrume de porco e sabão, enxugando-se e espinçando-se depois. Temos pois que os fabricantes da Covilhã, em geral, desazeitavam antes de infurtir.

A operação que se seguia era uma das mais importantes, no fabrico dos pannos, porque servia para lhes dar o corpo e a necessaria consistencia.

Fazia-se esta operação, nas fabricas covilhanenses, em pisões ou maçadeiras, de diversos systemas, entre os quaes figurava o antigo systema hollandez, cujos inconvenientes por então já reconhecidos, fazem admirar do uso de tal systema, mas, segundo refere Fradesso da Silveira, concorreu para lhes manter o credito a triste experiencia de uma especie de pisão hespanhol, de Bejar, que, parece, rasgava os pannos.

Felizmente, temos occasião agora de o mencionar, que, apesar do receio que sempre causam as innovações e do mau resultado, que dera esta nova machina de pisoar, os fabricantes mais arrojados d'aquelles sitios — e ali não tem faltado arrojo e coragem — importaram já antes de 1860 pisões belgas e francezes, que vieram justificar a innegavel importancia de aquelles novos inventos na industria dos lanificios.

Uma prova de que a Covilhã se não deixou atrazar muito é que a França importou os primeiros pisões aperfeçoados de Inglaterra em 1838, e que os pisões de Verviers, já existiam na Covilhã muitos annos antes de 1860. Isto constitue um manifesto elogio para as fabricas da Beira, um louvor tão merecido como verdadeiro.

Em 1863, a fabrica do sr. Marques de Paiva tinha já seis pisões cylindricos movidos a vapor.

Infurtidos ou pisoados nos pisões com sabão e urina, os fios do panno ligam-se mais intimamente, condensam-se por assim dizer, e o panno fica menos permeavel.

Teremos ensejo, n'este momento de frisar uma deficiencia das antigas fabricas da Covilhã, á qual nos referimos — a descentralisação das varias officinas; fabricas cuja laboração era incompleta porque, os estabelecimentos, desenvolvendo-se, não acharam local para fundar novas officinas, como lhes convinha, junto ás antigas e d'ahi proveu a necessidade de o procurar distante d'ellas. Era assim que, geralmente, as tendas de ultimação se não encontravam nos principaes edificios das fabricas.

A primeira operação, das que reunidas constituam a ultimação dos pannos enfurtidos, era a perchea, por meio da qual os fios de lã, amarrados na maçadeira, são puxados á superficie, e dispostos paralelamente, fazendo como que uma camada homogenea d'altura igual. Nas machinas belgas de perchea, que as fabricas da Covilhã uzavam, esta operação era executada pelos cardos naturaes, que se collocavam em regoas.

O cardo exigia grande trabalho de limpeza, devendo ser frequentemente renovado, convindo por isso que perto da fabrica fosse cultivado. Para a Covilhã, vinha quasi todo de Hespanha, porém, ha já perto de quarenta annos, no logar do Ferro e quintas annexas, a uma legoa da Covilhã, já se obtinha algum cardo para as fabricas, calculando-se a produção d'essas localidades n'um valor annual de tres a quatro contos de réis. Como o cardo obtido, era todavia inferior ao hespanhol, tentou se semear cardo hespanhol, introduzindo assim uma cultura cujos productos tinham consumo facil e certo nas visinhanças.

Do exito da tentativa nada apurámos, sabendo apenas que passados anno, como o cardo nacional não satisfazia as necessidades da industria, e o hespanhol era mau e caro, as fabricas compravam o cardo em França.

O panno humido ia a perchea e, terminada esta operação, era necessario enxugar-o. Depois de enxuto, tesourava-se, tosquiava-se, ou tosava-se, em machinas que faziam esta operação por meio de tesouras, e da qual resultava ficarem de igual altura os filamentos, que a perchea levantara, e dispol-os em direcções parallelas.

Havia percheas apertadoras, para cortar em molhado, sendo muito vantajosas porque duas operações se obtinham n'uma só machina, poupando-se o tempo e a difficuldade do enxugo, que nem sempre era possivel fazer no prado ao ar livre.

Fradesso da Silveira, no trabalho que vamos seguindo, tambem consigna que havia, de systema semelhante, e ainda com maiores vantagens, machinas de perchea, cortar, e escovar, que func-

cionavam regularmente em algumas fabricas da Covilhã.

Estas operações de perchea e tosquia eram frequentemente repetidas, estando até n'essa repetição o melhor meio de bem ultimar o fabrico dos pannos finos, havendo cuidado, conforme as suas qualidades e côres, em deixar o pello mais ou menos curto.

Depois de convenientemente percheado, tosquiado e enxuto, em ramolas, como então era uso geral, porque só alguns annos mais tarde se começou a empregar o vapor nos enxugos, o panno era prensado em prensas de vara, entre cartões, a quente, e depois lustrado a vapor em appparelhos proprios. As prensas, em geral, eram mas. Os appparelhos de lustrar, eram de systema muito conhecido, e adoptado, em que o panno enrolado sobre cylindros de cobre, se submettia a uma temperatura de cem graus centigrados.

O panno lustrado ainda muito molhado passava á perchea. Dizia-se que por esta operação ficava mortijado. Mortijava-se para abrilhantar, o que consistia em passar o panno muito molhado pela perchea, com cardo já gasto. Da perchea passava á ramola ou para um enxugo a vapor.

Depois do panno mortijado, punha-se a seccar novamente nas ramolas d'onde sahia para afinar ou receber as ultimas tesouras. O panno afinado era esbicado pelas mulheres, e depois cerzido, atesado e escovado, outra vez prensado e por ultimo medido, pregado, e escovado.

E' claro que nem todos os pannos passavam por esta serie de operações. As fazendas ordinarias, os baetões por exemplo, eram unicamente pisoados, tintos, prensados, medidos e pregados.

E eis muito rapidamente um leve esboço, segundo Fradesso da Silveira, da fabricação dos pannos na Covilhã ha cerca de quarenta annos.

Não terminaremos este estudo, sem indicarmos por ultimo umas breves notas acerca da tinturaria na Covilhã, ha tambem uns quarenta annos atraz.

Em 1860, a tinturaria na Covilhã estava pouco adiantada, por falta de pessoal technico devidamente habilitado, provindo quasi que exclusivamente d'ella algumas imperfeições no fabrico, e consideraveis desperdícios nos banhos que geralmente eram mal aproveitados.

Fradesso da Silveira, examinando os artigos destinados á tinturaria, notou que o pastel de que se serviam para o azul, e que antigamente se importava da Hollanda, tendo no tempo de D. João II sido muito cultivado nos Açores, era retirado dos Trinta, pequena povoação visinha da Guarda. A planta dava dois cortes, sendo o melhor o primeiro. Semeava-se pelo S. Miguel, e desfolhava-se em março.

A folha amassava-se, e, deixando-se apodrecer, tratava-se pela cal para fazer o pastel.

Fechemos por aqui o nosso trabalho, não resistindo porém ainda á tentação de consignar a noticia de um folheto curioso que possuímos na nossa colleção technico-historica das industrias nacionaes. É a *Cultura da Granza ou ruiva dos tintureiros por ordem de sua alteza real o principe regente, nosso senhor. extrahida dos melhores escriptos que se tem publicado. Lisboa na regia Officina Typographica. — Anno de M.D.C.C.C.III.*

O pequeno livro consta de muitos capitulos interessantes e traz no fim uma bella gravura a agua forte, representando nitidamente a raiz, o caule e as folhas da *rubia tinctorum*.

Esteves Pereira.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VEPSÃO)

X

(Continuado do numero anterior)

Seguiu-se a minha vez.

O alcaide recebeu as declarações que lhe fiz, em que affirmei não saber de cousa alguma. Passada esta inquirição, fez-me despir e submeter á tortura no cavallete.

Veiu um procurador que allegou ser eu biscoiinho e não se dever permittir que fosse baloçado na tortura, visto gozar privilegio de nobreza.

O alcaide não fez caso e continuou.

Começaram a apertar os parafusos. Fiquei firme que nem uma rocha. O interrogatorio e as voltas de parafusos continuavam, quando deram ao alcaide um bilhete, da parte de D. Catalina de Chaves, pelo que soube depois.

O alcaide abriu o papel e leu; ficou immovel

durante algum tempo a olhar para mim, e ordenou depois:

— Tirem d'ahi esse rapaz.

— Desapertaram os parafusos, tiraram-me para fóra do cavallete, e conduziram-me outra vez para a prisão.

O alcaide foi para casa.

O processo seguiu os tramites, mas não sei de que maneira; foi tão bem e tão depressa, que dentro em pouco fui condemnado a dez annos de Chili, sem soldo, e o barbeiro a duzentas chicotadas e seis annos de galés.

Appellámos da condemnação, auxiliados pelas sollicitações dos nossos compatriotas.

O negocio foi correndo, não sei tambem como.

Pouco depois, um bello dia, foi dada sentença na Real Audiencia, pela qual eu fiquei livre e a sr.^a D. Francisca condemnada nas custas.

O barbeiro tambem se salvou.

Taes milagres são frequentes em semelhantes conflictos, sobretudo entre os indios, graças á sua bella industria.

XI

Livre d'estes vexames e desgostos, o menos que tinha a fazer era ausentar-me de La Plata.

Passei a Charcas, que dista umas dezeseis leguas. Encontrei ali o já referido D. Juan Lopez d'Arquijo, o qual me confiou dez mil cabeças de carneiros indigenas, com uns cento e tantos indios, e me deu uma avultada quantia para ir ás planicies de Cochabamba comprar trigo, e, depois de o ter feito moer, vendel-o em Potosi, onde havia grande falta d'este genero.

Fui effectivamente a Cochabamba, comprei dez mil fangas de trigo á razão de quatro pezos cada, carreguei-as nos carneiros e dirigi-me aos moinhos de Guilcomayo, onde fiz moer logo tres mil e quinhentas; e, levando-as a Potosi, vendi-as immediatamente aos padeiros da povoação a quinze pezos e meio.

Voltei depois aos moinhos, onde achei moído o resto e compradores aos quaes vendi tudo a dez pesos. Depois d'isto, regressiei a Charcas, com o dinheiro recebido, para me amo, que vendo tão bom resultado, me tornou a mandar a Cochabamba.

Por esta occasião, um domingo, em Charcas, não tendo eu que fazer, fui jogar para casa de D. Antonio Calderon, sobrinho do bispo. Estava lá o provisor, o arceidiago e um mercador de Sevilla que tinha casado alli.

Assentei-me a jogar com o mercador. Começou-se a partida. N'uma cartada, o negociante sevilhano, já um pouco agastado, disse:

— Agora, jógo eu.

— Quanto jóga?

— Já lhe disse que jógo eu.

— Mas, quanto jóga?

— Jógo uma figa! exclamou elle muito encolerizado e atirando com um dobrão para cima da meza.

— Aceito, repliquei eu, dóbro a parada.

Elle atirou fóra as cartas e puxou pela espada. Tambem tirei a minha.

Os circumstantes lançaram-se sobre nós e separaram-nos. Mudou-se de entretenimento.

Ao cahir da noite, sahi para voltar a casa. A alguns passos, á esquina d'uma rua, cahi sobre o meu homem, que puxou da espada para se defender.

Desembainhei tambem e cruzámos ferrós. Depois de termos esgrimido um pouco, dei-lhe um bote a fundo. Cahiu logo.

Accorreram ao tinir das espadas; veiu a justiça e quiz-me prender; resisti, recebi alguns golpes, e, batendo em retirada, refugiei-me na cathedral.

Ahi estive alguns dias, advertido por meu amo para me esconder bem. Emfim, uma bella noite, estando tomadas as precauções, parti para Piscobamba.

XII

Chegado a Piscobamba, retirei-me para casa de um meu amigo, Juan Torrizo de Zaragoza, onde estive alguns dias.

Uma noite, depois da ceia, organisou-se uma partida com alguns amigos que tinham entrado. Assentei-me em frente de um portuguez Fernando da Costa, que era um ponto valente. A sua entrada era de quatorze pezos por pinta.

Começámos o jogo; tirei dezeseis pintas. Ao vel-as, deu elle uma bofetada em si, exclamando:

— O diabo me valha!

— Até agora quanto tem perdido Vossa Graça, para se transtornar de tal modo? perguntei-lhe eu.

Fernando da Costa estendeu as mãos até me tocar na barba e exclamou:

— Perdi o diabo que o carregue!
Atirei-lhe com as cartas á cara e puxei da espada.

Elle fez o mesmo.

Intervieram os assistentes e acalmaram-nos. Tudo se socegou, e até rimos e brincámos muito ácerca dos lances do jogo.

O meu parceiro pagou o que devia e sahiu, indo, pelo menos aparentemente, muito tranquillo e satisfeito.

Umás tres noites depois, voltando eu a casa, por volta das onze horas, entrei um vulto de homem que estava postado á esquina d'uma rua. Puz a capa ao hombro, desembainhei a minha espada e avancei prevenido.

Ao approximar-me d'elle, lançou-se sobre mim, atacando-me e dizendo:

— Anda, meu tratante!

Reconheci-o pela voz. Cruzámos ferros. Dei-lhe logo uma estocada tão valente, que cahiu morto. Fiquei um momento sem saber que fizesse. Olhei para todos os lados e não vi ninguém.

Fui então para casa do meu amigo Zaragoza, e dei-te-me sem dizer palavra.

Logo de manhã, o corregedor D. Pedro de Me-
nezes veio prender-me, levando-me comsigo.

Entreí na prisão, onde me puzeram a ferros. Passada uma hora, voltou o corregedor com um escrivão e tomou-me declarações. Affirmei não saber de coisa alguma. Seguiu-se a confissão. Neguei tudo.

Não tardou a marcar-se dia para o acto da accusação; e, sendo admittido a essa prova, tive que a prestar, como effectivamente aconteceu.

Feita a publicação para a audiência, vi testemunhas que não me lembro de ter conhecido em parte alguma.

Fui condemnado á morte. Appellei. Isto, todavia, não impediu de ordenarem que se executasse a sentença. Sentia-me, na verdade, muito afflicto.

Veiu um frade para me ouvir de confissão. Recusei. Insistiu, porém não me demovi do proposito em que estava.

Começou a chover frades em volta de mim. Senti-me perdido; tornei-me n'um verdadeiro Luther.

Por fim, conseguiram vestir-me um habito de taffetá e montarem-me n'um cavallo, depois do corregedor haver respondido ás instancias dos religiosos, dizendo: — que se eu queria ir para o inferno, elle nada tinha com isso.

Tiraram-me para fóra da prisão, levando-me por certas ruas escusas e pouco frequentadas, porque os frades tinham medo.

La pois para a forca. Os frades haviam-me tirado toda a paz de espirito, á força de gritos e impurrões. Fizeram-me subir quatro degraus, e quem me appareceu lá no cimo foi um dominicano, frei Andrés de San Pablos, que eu já vira e a quem já tinha fallado em Madrid, havia pouco mais d'um anno, no collegio de Atocha. Tinha ainda mais que subir. Deitaram-me ao pescoço o barão, que é uma pequena corda pela qual se fica pendurado.

O carrasco estava a atal-o ao contrario. Não me pude conter que lhe não dissesse:

— O' grande borrachão, põe isso bem ou tira fóra, porque estes bons padres querem que eu seja enforcado com açoit!

Estavamos n'isto, quando chegou a toda a pressa um correio da cidade de La Plata, despachado pelo secretario, e de ordem do presidente D. Diogo de Portugal, a requisição de Martin de Mendiola, biscainho, que estava informado do meu processo.

Este correio entregou nas proprias mãos do corregedor, passando por deante d'um escrivão, um papel dobrado, no qual a Audiencia lhe ordenava que suspendesse a execução da sentença e enviasse o accusado e os autos á Real Audiencia a umas doze leguas d'alli.

Isto foi uma tão singular quão manifesta prova da misericordia de Deus, e cuja causa, ao que parece, nasceu das testemunhas, que se diziam oculares e que depozeram contra mim no caso da morte do portuguez, cahirem nas mãos da justiça de La Plata, não sei porque delictos e serem condemnados á forca.

Já ao pé do patibulo, confessaram elles, sem saberem o estado em que me encontrava, que induzidos e assalariados por alguém, haviam, sem me conhecer, testemunhado falsamente contra mim n'um crime de homicidio.

Eis a razão porque o tribunal da Real Audiencia, a requerimento de Martin de Mendiola, se commoveu, ordenando a suspensão da sentença e a minha volta.

Este despacho, chegado tão a proposito, excitou a alegria da multidão compassiva.

O corregedor mandou-me tirar da forca e re-

conduzir á prisão, d'onde me expediui bem escoltado a La Plata.

Mal cheguei, logo o meu processo foi revisto e annullado, attentas as declarações feitas por aquelles homens junto do patibulo, e não havendo nada mais contra mim, fui solto ao fim de vinte e quatro horas.

Demorei-me ainda algum tempo em La Plata.

XIII

De La Plata dirigi-me á cidade de Cochabamba, afim de ir regular umas contas que lá tinha o sobredito Juan Lopez de Arquijo com Pedro de Chavarria, navarrez de nascimento, ahi residente e casado com D. Maria Davalos, filha do fallecido capitão Juan Davalos e de D. Maria de Ulloa, monja em La Plata, no convento que n'essa cidade ella fundára.

Liquidadas as nossas contas, resultou um saldo de mil pezos a favor do referido Arquijo, meu patrão.

Chavarria entregou-me essa quantia de muita boa vontade, convidou-me para jantar, e hospedou-me em sua casa durante dois dias.

Em seguida, despedi-me e parti, encarregado por D. Maria de varias commissões para sua mãe, freira em La Plata, como referi, e a quem eu devia ir visitar da sua parte.

Depois de ter deixado os meus hospedes, entretive-me com alguns amigos em pequenas bagatellas até ao cahir da tarde. Parti finalmente. No caminho a seguir tinha que passar por diante da moradia de Chavarria. Ao chegar ahi, vi muita gente á porta da casa. Lá dentro havia grande barulho. Parei para escutar.

N'este momento, D. Maria Davalos gritou-me da janella:

— Leve-me comsigo, sr. capitão, que meu marido quer-me matar!

E, ao dizer isto, deitou-se da janella abaixo.

Approximaram-se de mim dois frades e disse-

ram-me: — Leve-a! O marido encontrou-a com D. Antonio Calderon, sobrinho do bispo; matou o homem e quer fazer o mesmo á mulher, que a tinha fechada. E, ao contarem isto, puzeram-n'a á garupa e picaram-me a mula.

Até á meia noite não deixei de andar, que foi quando cheguei ao rio de La Plata. Encontrara no caminho, de regresso á cidade, a um criado de Chavarria que nos devia ter reconhecido, a despeito de tudo quanto fiz para me afastar e esconder. Provavelmente avisou o amo.

Chegando ao rio, fiquei desesperado; a corrente, forte e larga, pareceu-me impossivel de se passar a vau. Ao ver isto, disse-me D. Maria Davalos:

— Vamos para a frente! é forçoso que atravessemos, custe o que custar, na graça de Deus!

Puz pé em terra; tratei de descobrir um vau e decidi-me por aquelle que me pareceu melhor.

Tornei a montar, tendo sempre a minha afflictiva fugitiva á garupa, e entrei pela agua. Immergimos, e, com o auxilio de Deus, conseguimos passar.

Proximo havia uma pousada, acordei o dono d'ella, que ficou muito surprehendido de nos ver em tal estado e a semelhante hora, tendo atravessado o rio.

Tratei logo de dar descanso á mula. O nosso hospedeiro serviu-nos ovos, pão e fructa.

Depois de termos espremido e torcido os nossos fatos para lhes tirarmos a agua, partimos de novo a toda a pressa, e, ao nascer do dia, descobrimos, á distancia de umas cinco leguas, a cidade de La Plata.

Já nos sentiamos um pouco mais confortados por esta vista, quando de repente D. Maria, me estreitou muito de encontro a si, exclamando:

— Ai! senhor, meu marido!

Voltei-me immediatamente e vi-o montado n'um cavallo que parecia estar cançadissimo.

Na verdade, não sei, e ainda mesmo agora me sinto admirado, de como poudo acontecer aquillo. Eu sahira de Cochabamba muito antes d'elle, deixando-o em sua casa; e sem me deter um só instante, cheguei ao rio, que atravesssei, dirigi-me á pousada onde estive não chegou a uma hora e prosegui logo o meu caminho. Por outro lado fóra preciso ao creado que encontrei na estrada e que provavelmente o avisou, o tempo necessario para chegar a casa e a Pedro de Chavarria o de montar a cavallo e partir.

Como foi pois que elle nos sahiu ao encontro no caminho? É o que não sei dizer, nem comprehendendo como poudesse dar-se, a não ser que, conhecendo eu mal o paiz, tivesse dado mais voltas do que elle.

Fosse como fosse. Elle atirou-nos um tiro de

escopeta a uns trinta passos mas errou. As balas passaram tão perto de nós que as ouvimos assobiar. Esporeei fortemente a mula e descí atravessando por entre as arvores d'uma encosta, sem que o tornasse a ver. O cavallo que elle montava devia estar estropeado. Depois d'uma corrida de quatro longas leguas, entrei em La Plata, cheio de fadiga e cansaço, e indo logo direito á grande porta de Santo Agostinho, entreguei D. Maria Davalos a sua mãe.

Voltando para tomar a mula, encontrei-me de cara a cara com Pedro de Chavarria. Lançou-se a mim, de espada em punho, sem me dar tempo sequer de raciocinar. A sua brusca apparição desnor-teou-me bastante. Surprehendia-me elle a mim muito extenuado e ao mesmo tempo cheio de compaixao pelo seu erro, pois que elle me julgava seu offensor.

Tratei de me defender.

(Continua)

Esteves Pereira.

HORAS PERDIDAS

Poesias por Sanches de Frias. 2.^a edição refundida e acompanhada de commentarios. Lisboa— Um volume de 217 paginas.

Esta obra, cujo titulo alias se não justifica, é uma collecção de poesias liricas, e acha-se dividida em tres partes denominadas: *Estréas, Poemetos, Reverberas*.

Os versos do sr. Sanches de Frias foram escriptos no periodo que decorreu de 1865 a 1882, data da primeira edição, a qual, sendo de mil exemplares apenas, levou, pelo visto, a esgotar-se o espaço de quatorze annos. Não admira. O auctor attribue este facto a não haver, entre os seis milhões de habitantes de Portugal e colonias, mais de mil que tenham o habito de comprar livros e o costume de os ler. A observação é, infelizmente, verdadeira. Já em 1873 o grande Camillo se queixava de ter tido o manuscrito de um seu livro de versos treze annos na gaveta do comprador.

E se, n'essa epocha, o Mestre se lastimava de os seus versos virem á lume n'um tempo em que a velha poesia se desluzira de todo, que diremos nós hoje, que tantas escolas rivaes pleiteam glorias?

Para a apreciação verdadeira das manifestações do pensamento litterario, segundo o methodo da critica positiva, e mister partir do principio de que um dos elementos de toda a organização social, aos quaes se ligam as bellas artes, é a linguagem. A poesia emprega a lingua fallada e escripta, tornando-a mais harmoniosa e de melhor rithmo. Ora a poesia moderna, depois de atravessar diversas phases, revestiu uma feição revolucionaria e caracteriza-se actualmente pela sua tendencia scientifica.

Esta orientação litteraria, n'uma epocha em que as questões sociaes estão por toda a parte na ordem do dia, actua sobre os escriptores e poetas, e as obras d'arte são, em regra, o producto do trabalho intellectual nas suas relações com a sociologia.

A poesia, porém, diz e muito bem o sr. Sanches de Frias, ha de ser eternamente uma só; aquella em que entra o coração, o sentimento, a bondade, o amor, ha de existir sempre; e, como diz João de Deus, o que é eterno é bello.

As *Horas Perdidas*, do sr. Sanches de Frias, são um livro de psychologia intima. Os seus versos revestem um caracter pessoal e subjectivo. As suas maguas ou as suas alegrias constituem a quasi unica chama do seu estro. Sentir e soffrer, será o condão dos poetas, como o auctor diz n'uma das suas poesias?

Muitos dos seus versos suggerem-lh'os tristezas, umas tristezas quasi tão suaves como o contentamento; e já Camillo escrevia: «A poesia é isso e não póde ser outra coisa.»

O engrandecimento da patria, o culto dos grandes homens, e a religião da familia, eis a trilogia que constitue a feição moral predominante no sr. Sanches de Frias.

Os grandes sentimentos affectivos, as recordações da saudade e da tristeza são a base da inspiração do poeta. A mulher mãe, esposa e filha, torna-se a parte essencial do culto domestico; e á influencia d'estes affectos deve o auctor o melhor das suas poesias.

Esta feição da bella alma do poeta reflecte-se em todas as paginas da sua obra, e é, incontestavelmente, a característica mais sympatica do livro.

Um critico abalisado diz: «Metade d'aquillo que valemos, moralmente e intellectualmente, devemos-o aos contactos e ás suggestões dos indivi-



UM GUERRILHEIRO, NA PENINSULA

duos que nos teem rodeado atravez da existencia. É esta uma divida que poucos se lembram de pagar reconhecendo com veneração os beneficios da amizade.»

Entre esses poucos distingue-se o auctor das *Horas Perdidas*, um livro que todo elle é um altar erguido á santa veneração dos membros femininos da familia.

E esta encantadora concepção poetica não é, no auctor, um exagero sentimental. O caracter espontaneo da manifestação artistica revela o facto psychologico automatico, que se conhece pelo nome de inspiração.

O exame de uma obra d'arte faz-se, em regra, encarando a por todas as phases: social, moral, psychologica e esthetica. As *Horas Perdidas* são um livro que, visto atravez d'esses diversos prismas, tem o raro condão de satisfazer a todos elles; e tanto basta para accentuar a belleza artistica da obra e a individualidade litteraria do auctor.

*
*
*

Em qual escola se filia o livro?

O sr. Sanches de Frias, prevendo a pergunta, respondia-lhe anticipadamente na advertencia da primeira edição. Lá dizia elle: «Este livro não visa encomios, nem pleitêa escolas, a que quer ser estranho.»

O auctor é classico ou romantico, idealista ou realista, symbolista ou nephelibata?

Não nos importa a qualificação do poeta.

Ainda ha pouco um notavel critico francez, Henri Rochefort, apreciando uma obra d'arte, e por signal de um artista portuguez, dizia: «É encantadora, seja qual for a escola a que pertença,

porque em questões de esthetica e de genero, ha apenas duas especies de pintores: os que teem talento e os que o não teem.» Pintores ou poetas, todos são artistas; e em coisas de esthetica, como diz o eminente jornalista, a questão é de talento.

Ora da suggestão das poesias que compõem as *Horas Perdidas* deduz-se a natureza e phisionomia do auctor, o seu temperamento e o seu caracter; e estas qualidades, que procedem de causas physiologicas e de condições moraes, estão affirmando o talento poetico do sr. Sauches de Frias.

Para o comprovar basta a pureza, a correccão, a naturalidade e a simplicidade das suas poesias.

As diversas formas de metrificacão, que o auctor emprega, demonstram que elle cultiva a poesia em todos os seus generos. A arte maior, a redondilha menor, os hendecasyllabos, toda essa variedade metrica e rithmica serve ao poeta para os desafogos do seu formoso lirismo.

A inspiração accende-se-lhe e inflama-se-lhe nos infortunios, nas tristezas, nas alegrias, nas recordações.

Veja-se, por exemplo, a ternura d'estes versos, que o poeta dedica á memoria de sua mãe (Pag. 18):

«Imagem santa de um aspecto loiro,
polido e terno, e de um caracter nobre!
ó mãe, ó sempre mãe, acolhe o livro,
que os seios da mina alma te descobre.

Não sei se ha claridade n'estas sombras;
se lá se desenhar scintelha d'oiro,
provelo da tua alma... é seu legado...
herança do teu fúlgido tesouro.»

Agora esta suavissima e saudosa elegia á sombra adorada de uma irmã querida, elegia que, com o sub-titulo «*A Meia Noite*», começa assim (Pag. 44):

Encobre as azas de oiro
com teu veu,
E vem, ó anjo loiro
lá do ceu.
Oh! desce... é esta a hora... o irmão te espera
corre, meu anjo, vem...
pomba fugida em plena primavera
do seio á nossa mãe.

Mais além a poesia *Os meus amores*, no album de um amigo, em que a piedade filial inspira ao poeta estas sentidissimas estrophes (Pag. 64):

«Quem sabe, meu amigo, se as estrellas
á terra descerão,
e para que não possam conhecel-as,
em vultos de mulher se tornarão?

E olha que esta dos ceus vem ver um filho;
é estrella tambem
Eu creio conhecel-a pelo brilho.
Sabes quem seja?
Amigo... é minha mãe.»

Depois o poemeto *Hontem e Hoje*, onde ha versos repassados de santa adoração pela esposa estremecida (Pag. 141):

«Mirei-te ainda em susto... e achei-te n'uma esfera,
velada por um veu que os anjos tem nos dedos!
e não te perguntei quem eras... d'onde vinhas...
porque te conheci, sem ler os teus segredos.

Bem hajas, filha! Vêz?... eu já sou crente... eu creio
na fé jurada... eu creio em ti... no teu condão!
eu creio que és tu o sol da minha vida,
como hontem foste a luz da minha redempção.»

Ainda depois estas duas quadras *N'um leque*, quadras tão simples e tão formosas (Pag. 200):

«O leque tem por fadario
um constante movimento;
o seu giro é sempre vario,
como é vario o pensamento.

Gravar, pois, no seu tecido
voto, ideia ou sentimento
é gastar tempo perdido...
lançar palavras ao vento.»

Estes versos são um modelo de simplicidade e singeleza; e como estes ha muitos nas paginas do livro.

As *Horas Perdidas* são, pois, uma collecção de bellas poesias, ou antes um escriptorio de joias litterarias.

A edição é acurada e primorosa. N'ella apresenta o auctor duas novidades: uns graciosos desenhos devidos ao lapis esperançoso de sua filha, e uns commentarios em prosa como annotação a cada uma das poesias. Os commentarios, diz elle, são uma coisa velha lá por fóra e quasi nova entre nós, onde, que lhe lembre, foi apenas realisada, em parte, nas *Escavações Poeticas* de Castilho.

O grande Camillo tambem tentou esse genero no prologo dos seus ultimos versos, *Ao Anoitecer da Vida*. E, por signal, um formoso prologo, que vale bem o livro inteiro.

A collaboração artistica de uma senhora, filha do auctor, é uma nota encantadora a realçar a belleza do livro; e os commentarios em prosa completam o valor das *Horas Perdidas*, que, como obra d'arte e como livro do coração, merecem a estima de todos os que presam e amam as boas letras.

Tondella, 23 de junho de 1897.

Eduardo Duarte.

Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Entrou no prélo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez. Desde já se recebem encommendas na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Traducção de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a côres

PREÇO 200 RÉIS PELO CORREIO 220

Pedidos á *Empreza do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39